



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Feminismo e agroecologia: aproximando campo e cidades

Feminism and agroecology: bringing the countryside and the city closer together

MARQUES, Glaucia dos Santos; IYUSUKA, Sheyla Saori;
FRANCO, Vivian Ferreira; NOBRE, Miriam.

SOF- Sempreviva Organização Feminista, sof@sof.org.br, www.sof.org.br

Tema Gerador: Mulheres e agroecologia

Resumo

A Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) para mulheres, realizada pela SOF (Sempreviva Organização Feminista) no Vale do Ribeira com base agroecológica estabeleceu um processo de venda direta de grupos de mulheres quilombolas e agricultoras familiares a grupos de consumo da Grande São Paulo. A participação das agricultoras no processo, não só pelo acesso ao rendimento, contribuiu para sua autonomia econômica e pessoal. Os grupos de consumo assumiram o desafio de construir um mercado adequado às agricultoras: respeitar seus tempos, valorizar a diversidade de produtos que elas cultivam. Esta experiência de construção de mercados com base na vontade política dos sujeitos implicados exercita os princípios da economia feminista e da economia plural.

Palavras-chave: mulheres rurais; mercado solidário; economia feminista.

Abstract

The Technical Assistance and Rural Extension (ATER) implemented by SOF (Sempreviva Organização Feminista) in Ribeira Valley founded on agroecology has created a direct sale between family farmers, *quilombola* women and consumer groups based in São Paulo. The rural women participation in this process, not only for income access, increased their economic and personal autonomy. The consumer groups accepted the challenge to build a market appropriated to the rural women: respecting their times and valuing the diversity of their products. This experience of build a market embedded in the participants' political willingness exercise the principles of feminist economics and plural economics.

Keywords: rural women; fair trade; feminist economy.

Contexto

A ATER mulheres de base agroecológica foi desenvolvida pela SOF junto a 240 agricultoras, pescadoras e artesãs; caipiras, quilombolas e indígenas do Vale do Ribeira entre fevereiro de 2015 e março de 2017 em função de chamada pública da extinta Diretoria de Políticas para as Mulheres Rurais e Quilombolas do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Em sua atuação a SOF combinou três estratégias: a autonomia econômica das mulheres, a constituição de sujeitos políticos pela auto-organização das mulheres e a relação com o Estado visando à construção conjunta das políticas públicas.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



“A autonomia econômica das mulheres, em particular o acesso a rendimento, se coloca neste projeto como ponto de entrada de um processo mais amplo de autonomia que compreende dimensões pessoais, familiares e políticas. Esta posição de “porta de entrada” se explica pela centralidade da esfera econômica monetária nas sociedades contemporâneas: de um lado o aumento das “necessidades que se resolvem com dinheiro” tornam indispensáveis os rendimentos monetários; de outro, o dinheiro permite às mulheres justificar inicialmente sua participação no projeto e constitui uma condição para renegociar progressivamente as relações de poder, em particular intrafamiliares” (HILLENKAMP e NOBRE, 2016).

A autonomia econômica é considerada de forma ampla, não só a produção para o mercado, mas também para autoconsumo, doação e troca. O uso da caderneta agroecológica proposta pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia permitiu visibilizar os diferentes destinos da produção e uma reflexão sobre o equilíbrio entre eles. Portanto, a experiência aqui relatada contribui para o Tema Gerador “mulheres e agroecologia” por utilizar instrumentos e metodologias construídos coletivamente, mas aqui utilizados em um contexto particular: o bioma Mata Atlântica, agroflorestas implantadas há mais de dez anos, áreas de uso condicionado pela legislação ambiental.

A consubstancialidade entre relações de gênero, raça e classe (KERGOAT, 2010) que organizam as experiências das agricultoras familiares e quilombolas no Vale do Ribeira também são consideradas na construção de relações de confiança entre pessoas da cidade que integram os grupos de consumo e destas com as agricultoras. A Marcha Mundial das Mulheres se constitui como um processo inspirador devido à trajetória de construção de pautas e estratégias comuns entre mulheres com culturas políticas diversas, de relações de respeito e ação conjunta entre mulheres trabalhadoras da cidade e do campo. Esta experiência procura ainda contribuir na autocrítica compartilhada por economistas feministas de que a análise feminista do sistema econômico dominante é muito potente, mas que ainda é necessário exercitar, reconhecer, aproximar e dar um sentido coerente às alternativas concretas nela inspiradas (OROZCO, 2017).

A experiência também contribui com o Tema Gerador “estratégias econômicas em diálogo com a agroecologia”. Esta atuação tem como referência uma leitura atualizada da economia substantiva de Karl Polanyi que procura olhar as possibilidades e tensões nas quatro dimensões propostas pelo autor: mercado, reciprocidade, redistribuição e autossuficiência. Pretende ir além de uma leitura simplista que associa a competição ao mercado e relações igualitárias às dimensões de reciprocidade ou de autossuficiência no espaço doméstico (HILLENKAMP, LAVILLE, 2016). Buscar incidir na construção



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



de mercados com o controle dos diferentes sujeitos implicados (agricultoras, consumidoras) pelo fortalecimento de processos coletivos de negociação e maior acesso à informação. Ao mesmo tempo em que busca reconhecer e encontrar formas de superação de relações hierárquicas nas comunidades e famílias e na redistribuição realizada pelo Estado.

Descrição da experiência

Ao iniciar o trabalho de ATER junto às comunidades muitas agricultoras expressaram seu desânimo frente aos inúmeros projetos que chegam à região e não se desenvolvem. Era preciso identificar o que mobilizaria a vontade das mulheres em cada comunidade e que fosse possível ser executado no curto espaço de tempo do contrato. Mulheres quilombolas das comunidades de Terra Seca e Cedro no município de Barra do Turvo disseram que a principal dificuldade que enfrentavam era a comercialização. Embora algumas delas comercializassem para o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) por meio da cooperativa de agricultores, elas identificavam lacunas: o limite do PAA por família era atingido pela produção vista como de responsabilidade do marido o que as impedia de desenvolver projetos próprios; a demora no recebimento dos pagamentos do PAA dificultava o entendimento do que estava sendo pago e como planejar o uso do dinheiro; os procedimentos burocráticos dificultavam sua compreensão e controle do processo. Era necessário buscar outras formas, complementares às compras públicas.

A primeira janela se abriu em diálogo com uma ativista de grupos de consumo que decidiu abrir um empreendimento privado, a Quitandoca. Embora a loja se localize em um bairro de classe média, está próxima a um terminal de ônibus que interliga bairros de periferia e municípios vizinhos. Ainda que privado, este empreendimento se baseia em princípios de fortalecimento da agroecologia, da agricultura familiar e das mulheres. A construção dos procedimentos: ofertas, precificação, logística, se deu por meio de oficinas realizadas nas comunidades reunindo as quilombolas, as técnicas da SOF e esta ativista.

Em fevereiro de 2016 as mulheres do Cedro e do Terra Seca fizeram sua primeira entrega na Quitandoca. Vieram para São Paulo conhecer onde seus produtos estavam sendo vendidos e quem eram as pessoas compradoras. Um registro em vídeo deste momento está em “Mulheres da Barra do Turvo comercializam em São Paulo” <https://www.youtube.com/watch?v=HpPoo8Xsdwc>.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Ao mesmo tempo a ATER da SOF seguia com práticas agroecológicas de manejo das roças em mutirão, produção de insumos próprios, beneficiamento de produtos, mas também de fortalecimento das mulheres como um processo individual e coletivo. O 8 de março de 2016 reuniu mulheres rurais das várias comunidades da Barra do Turvo para uma reflexão conjunta sobre as relações sociais de gênero, a divisão sexual do trabalho, a história de luta das mulheres.

Esta experiência inicial foi se ampliando e se aproximando do público de interesse das agricultoras e da SOF: a classe trabalhadora, a periferia da cidade. O caminho foram os grupos de consumo já constituídos, alguns há mais de cinco anos, nas universidades – o ComerAtivamente da USP campus Butantã e o CCru Solo da UFABC em Diadema. Estes grupos já integram uma rede que envolve quatro grupos de consumo consciente de São Paulo.

Um momento fundante na relação entre os grupos e as agricultoras foi uma visita dos grupos à Barra do Turvo em outubro de 2016. Participaram agricultoras com as quais a SOF trabalha naquele município e também de Pariquera-Açú e Peruíbe. É o que se vê no vídeo “Agroecologia e feminismo: da produção ao consumo, uma rede em gestação” (<https://www.youtube.com/watch?v=2SW8qMRLUJo>).

No mesmo mês, foi realizada a primeira compra já incorporando grupos de agricultoras de outros bairros da Barra do Turvo (Bela Vista, Córrego do Franco e Indaiatuba) e de Pariquera-Açú.

As agricultoras do Indaiatuba se constituíram como um grupo, “As margaridas”, no início de 2016 a partir do trabalho realizado pela SOF. O grupo realiza mutirões semanais nas áreas de produção de cada uma delas. Em julho de 2016 organizaram uma feira no bairro que funcionou por três meses. Ao final elas preferiram combinar a venda porta-a-porta com a participação no processo dos grupos de consumo.

Para viabilizar o processo, as agricultoras negociaram com a prefeitura o utilitário que busca os produtos em um ou dois pontos nos cinco bairros e traz para um ponto em São Paulo. O técnico agrícola responsável se envolve em todas as atividades para que a venda direta se mantenha: questões administrativas, orientações de pós-colheita, e se preciso, dirige o utilitário. Os custos de combustível e despesas de viagem motorista são rateados entre os grupos com base no peso recebido por cada um.

A cada mês os grupos e as agricultoras decidem se vai haver a compra. A partir desta decisão as agricultoras se reúnem e fazem a oferta dos produtos que esperam estar em ponto de colheita ou processados. Os grupos apresentam aos seus integrantes que fazem os pedidos. Há uma primeira consolidação das informações por grupo. A



consolidação dos pedidos de todos os grupos em um só pedido informado às agricultoras é feita em rodízio por grupo. As agricultoras se reúnem no dia anterior para reunir as colheitas, organizar as caixas e acompanhar o carregamento na madrugada. Os produtos são enviados em caixas identificadas por grupo de origem e grupo de destino. Representantes dos grupos se reúnem no ponto de entrega, conferem seus pedidos e resolvem eventuais problemas: produtos que podem estar identificados como de outro grupo, qualidade dos produtos, produtos que não vieram em quantidade suficiente para atender a todos e devem ser redistribuídos. Esta movimentação leva em média três horas. De volta às suas sedes cada grupo tem uma dinâmica própria: alguns separam os pedidos de cada um de seus integrantes, alguns organizam cestas fechadas, alguns realizam feiras.

No decorrer do processo outras questões foram aparecendo. Por exemplo: como ratear perdas e extravios, como custear o frete do ponto de entrega até o grupo, de modo a não penalizar os grupos mais distantes. As agricultoras foram enviando quantidades maiores que as pedidas, de modo a compensar eventuais perdas. Os grupos criam fundos para eventuais despesas. As agricultoras se reúnem para avaliar cada compra, os grupos também. A comunicação entre ambas: como estavam os produtos, como cada um se sentiu, ainda é feita pelas técnicas da SOF com o auxílio de fotos e pequenos vídeos.

Resultados

Ainda que recente, a experiência já demonstrou resultados positivos, sobretudo em relação às agricultoras.

Quadro1: Sistematização das entregas realizadas

ENTREGA	Número de grupos de agricultoras	Número de agricultoras	Número de grupos de consumo	Quant. (kg)	Valor da compra (R\$)
14/10/2016	6	23	8	814,00	4.431,70
21/11/2016	6	24	4	829,30	5.966,20
03/02/2017	6	29	5	1.316,50	8.596,05

Além do aumento da renda é importante destacar o aumento da diversidade dos produtos cultivados e consumidos. Na primeira conversa elas diziam que tinham quatro ou cinco produtos. Visitando junto com elas seu quintal outras possibilidades foram identificadas, e a vontade de experimentar outros sabores manifestada. Em geral a experiência dos grupos de consumo era a compra de uma variedade de produtos in



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



natura de um agricultor do cinturão verde de São Paulo e na relação com o Vale do Ribeira, a compra de banana e pupunha. Embora a lógica do circuito curto seja correta, este formato tendia a estimular a homogeneização da produção na região. A lista de produtos atualmente comercializados pelas mulheres abrange 70 itens. Elas veem a valorização dos produtos que antes eram desconsiderados, como o açafraão, como uma valorização do seu trabalho e por fim delas mesmas.

A mudança na percepção que elas têm de si mesmas tem se expressado nas rodas de conversa que participam. Em oficina durante a Virada Feminista 2016 que reuniu agricultoras, mulheres da economia solidária e jovens feministas, elas contaram sua experiência de venda direta. Uma trabalhadora da cidade perguntou se algo havia mudado nas relações com seus parceiros e na vida doméstica. Uma agricultora respondeu que seu marido havia mudado: “na verdade acho que fui eu que mudei e daí ele mudou também”. Algumas delas relataram o fim de agressões por parte dos maridos, outras, de que eles passaram a se comprometer com o cuidado da casa e das crianças. Várias mulheres retiraram a nota do produtor em seu próprio nome.

Ainda que seja necessário aprofundar os espaços comuns, já está se dando uma experiência de trabalho conjunto entre sujeitos coletivos com diferentes culturas políticas. As agricultoras são diversas: agricultoras familiares e quilombolas. Os grupos também são diversos: grupos inseridos em comunidades universitárias, em centros de saúde mental, na periferia das cidades, além de um empreendimento privado.

Os desafios são inúmeros, as possibilidades, também. Incorporar tecnologias da comunicação como redes autônomas que facilitem a comunicação entre as agricultoras e assim melhor organizar a oferta. Realizar rodas de conversa e atividades culturais nos momentos de venda dos produtos, como o Horta de Gueto, de Taboão da Serra já vem realizando com seus parceiros do *Permaperifa*. Repensar a divisão do trabalho doméstico para reorganizar os tempos das agricultoras, mas também pensar como os tempos se organizam na cidade – a jornada de trabalho extensa, as horas dispendidas na mobilidade. Envolver grupos de agricultura urbana em São Paulo e formar grupos de consumo nas cidades do Vale para reduzir os circuitos. Ampliar o processo respeitando os tempos e o acompanhamento de todas e todos os envolvidos.

Bibliografia citada

KERGOAT, Daniëlle. “Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais”. Novos estudos. São Paulo: CEBRAP, n. 86, pp 93-103, mar. 2010.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



HILLENKAMP, Isabelle e NOBRE, Miriam. “Por uma economia solidária e feminista. Primeiros resultados de uma pesquisa-ação no Vale do Ribeira”. Trabalho apresentado na I Conferência internacional RILESS-EMES Economia solidária e empresas sociais. São Leopoldo, 12 a 14/12/2016.

HILLENKAMP, Isabelle e LAVILLE, Jean Louis (org.). Socioeconomia e democracia. A atualidade de Karl Polanyi. Porto Alegre: Escritos, 2016.

Orozco, Amaia. “¿Espacios económicos de subversión feminista?” In Subversión feminista de la economía – 2ª edición. Madri: Traficantes de sueños, no prelo.